



RAMADA CURTO

Colombina e o telefone

*Peça fantástica, em 3 actos e 1 prólogo, representada pela
1.^a vez em 18 de Janeiro de 1940, no Teatro da Avenida,
pela Companhia Teatral Portuguesa*

3 ACTOS

Colecção
de Teatro
Português



RAMADA CURTO

111070 1185



Colombina e o telefone

*Peça fantástica, em 3 actos e 1 prólogo, representada pela
1.^a vez em 18 de Janeiro de 1940, no Teatro da Avenida,
pela Companhia Teatral Portuguesa*

3 ACTOS

NÚMERO 5
DO
I VOLUME

Editor - J. Roussado dos Santos - Lisboa - 1940
Rua do Crucifixo, 76, 1.^o - Telefone 2 6297

COMPOSTO E IMPRESSO NA
SOCIEDADE INDUSTRIAL DE
TIPOGRAFIA, Limitada / RUA
ALMIRANTE PESSANHA, 3 E 5

COLOMBINA E O TELEFONE

PERSONAGENS

e distribuição da peça a quando da sua estreia no Teatro da Avenida pela Companhia Teatral Portuguesa, em 18 de Janeiro de 1940.

× Laura	Irene Isidro
× Júlia	Elvira Velez
Máscara	Brunilde Judice
Senhora Joana	Emília de Oliveira
× Emília	Aurora Celeste
Guida	Suécia Gonçalves
Beatriz	Lucia Mariani
Mariasinha	Maria José
Joaquina	Aurora Celeste
Comentador	Assis Pachêco
Dr. Reinaldo Melo	Abílio Alves
× Malta	Álvaro Benamor
Joaquim	João Guerra

Três actos

Encenação do professor António Pinheiro

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS
EM CONFORMIDADE COM A LEI

PRÓLOGO

(Ao levantar do pano, cortina que se ilumina de luz vermelha. A meio da cena, surge dum alçapão o Comentador. É uma espécie de Mefistofeles, vestido de vermelho, casaca impecável, barbi-ruivo, envolto numa grande capa de sêda negra. Quando se embrulha na capa todo negro parece uma sombra, uma espécie de rato de hotel dos filmes americanos.

COMENTADOR *(saúda o público e diz:)*—

Minhas Senhoras!

Senhores!

Espectadoras,

Espectadores:

Desde as frisas à geral,
Eu venho aqui prevenir
Que a peça que ides ouvir
Sai fora do habitual.

Vem no cartaz — fantasia.
Isto diz tudo. É poesia
E realidade também
E como estais prevenidos
Nós ficamos convencidos
Que a ides receber bem.

Mas dissemos ao autor
Que talvez fôsse melhor
Deixar-se de inovações.
Ele teimou, quis assim.
— Deus queira que até ao fim
Não surjam complicações.

A culpa é dêle sòmente.
O público é indulgente
Mas fica, às vezes, zangado.
Desculpem-lhe o atrevimento
Porque êle não tem talento,
Ê um tanto «curto», coitado!

Nesta mágica realista,
Sentimental, fantasista
Eu tenho um grande papel!
Chamo-me o Comentador.
Vestido assim, a primor
Tal qual um rato d'hotel.

Estou sempre em cena a falar
A sorrir, a comentar
Invisível, nebuloso...
Sou uma sombra furtiva
Tudo o mais é gente viva
Só eu sou — misterioso!

E os mais quem são? Temos d'entrada Colombina,
Uma loira gentil, graciosa, e felina
Pérfida como a onda e que é igual a tantas
Que afinal não são más — mas também não são santas.
E temos o Pierrot — sem farinha na cara,
Vestido como nós, mas d'espécie já rara.
Imagine-se alguém que faz versos à lua
E que topa o ideal à esquina duma rua...
Já grisalho e infantil, homem d'hoje e poeta,

Capaz de procurar um lírio na sargeta.
Temos mais Arlequins — muitos e variados
Uns apenas gentis, outros endinheirados...
Enfim vós ides ver, nesta peça moderna
A farça italiana e uma comédia eterna.
A comédia do Amor que merece piedade
Como tudo que faz a pobre Humaridade.
E eu, o Comentador, vou servir-vos de guia
Com um pouco de emoção e com muita ironia.
Esquecia-me dizer: há ainda uma figura
Fantástica também e que entra a certa altura
Com o único fim de nos fazer lembrar
Que o homem todo é pó e em pó se há-de tornar.
E não vos masso mais! Vai começar a peça!
Contra-regra o sinal! Na farça que começa,
Eu já volto a aparecer — eu, o Comentador
Fazendo anotações sobre um caso de amor
Acompanhando a rir, como sombra escondida
Esta coisa desconcertante que é a Vida!

ACTO I

QUADRO I

(A casa de Laura. O quarto de vestir. Mobiliário moderno. Psiché, um guarda vestidos, maples, flores etc. Uma janela sôbre o comprido fazendo ângulo ao fundo direito com cortinas de cassa ou renda: Portas à E. e D. Um telefone sôbre uma mesa evidente).

CENA I

(Laura, Emília, maçagista; Júlia, criada.)

(Laura está sentada, quasi deitada num «maple», tem os pés sôbre um tamborete a cabeça deitada nas costas do «maple», enquanto Emília lhe faz aplicações de cremes na cara: sôbre uma mezita ao lado estão utensílios, frascos, boiões da maçagista).

LAURA — Emília, tem dó de mim!... Olha que as compressas estão a escaldar...

EMÍLIA — Já lá vai, madame... O pior já passou.

LAURA — Estou com a cara a arder...

JÚLIA *(rindo, confiada)* — Então, minha senhora... Eu cá

é que não me sujeitava a isso. Para alguma coisa vale ser feia.

LAURA — Está calada... Falas, falas e volta e meia estás-me a pedir a cera para tirar o bigode.

JULIA — Não doe nada... E mesmo assim vou deixar-me disso... O meu rapaz não se importa... Até não gostou de me ver com o beijo rapado.

LAURA — Que lhe aproveite a êle e a ti... São gostos.

(O Comentador, entra à E., fica a um canto observando).

EMÍLIA — Nas senhoras morenas, às vezes, não fica mal um bccadinho de buço... A menina Júlia é morena:

LAURA — Ela? Ela é verdade. Tem uma côr horrível.

JÚLIA — Ainda bem que a senhora não sofre como eu sofro para não ter esta côr.

EMÍLIA — De que é que a menina Júlia sofre?

JÚLIA — É do fígado... Deixe-me cá Emílinha... Ainda esta noite não dormi nada...

LAURA — Qual do fígado! O que ela sofre é do juízo e do mau génio... Está impossível!... Só a minha paciência é que a atura... Hoje passou tôda a manhã de trombas e a chorar como se eu lhe tivesse feito mal...

JÚLIA — Pois a senhora está sempre a implicar comigo.

EMÍLIA *(a Júlia)* — Ó menina Júlia, dê-me daí êsse boião côr de rosá da Velva, se faz favor.

LAURA — Ó rapariga não me digas que eu estou a implicar *(outro tom)* Ai! Emílinha que me fizeste doer, marota...

EMÍLIA — É um pelinho que não queria sair... Tinha uma borbulha em cima... Dê-me o boiãosinho, menina Júlia.

LAURA — Mexe-te, pasta... *(Júlia entrega o boião).*

EMÍLIA — Isto agora é um consôlo... Não acha êste creme muito fresco?

LAURA — É como os outros uma droga... Bom é o da Robison mas dá cá cento e tantos escudos por um boiãzinho mais pequeno que êste.

EMÍLIA — O seu senhor que lho compre, madame!

LAURA — O meu senhor? Coitado!... Tôdas as coisas precisas da Robison custam mais de trezentos escudos. Êle ganha seiscentos e cinqüenta, já tu vês...

EMÍLIA — Agora, esteja quietinha...

COMENTADOR (*aproximando-se curioso*) — Alquímia da beleza!... (*fixando Laura*) Vamos a vêr a tela... (*observa*) Presta-se... É como tôdas as telas no emtanto, mesmo quando sejam de bom pano. Valoriza-as a tinta... Bemditas sejam as mulheres como esta pequena! (*indica a maçagista*) São Creadoras da arte, de beleza, de ilusão... (*curioso*) Olha! quási não tem pestanas!... Mas daqui a bocado com o «Rimmel», é vê-las, e adorá-las de joelhos (*o telefone retine*).

LAURA — Vai ao telefone, Júlia... Se fôr o massador do Faria não estou.

JÚLIA (*ao telefone que está sôbre uma mesa*) — Está lá... Está lá... É sim, senhor. É de casa da Sr.^a D. Laura, de madame Silveira...

LAURA — Olha que para o Faria não estou!...

EMÍLIA — É algum massador?

LAURA — Um estúpido... Um pelintra.

JÚLIA — Sim, senhor... Sim, senhor... Eu vou vêr se a madame pode falar a V. Ex.^a... (*tapando o telefone*) É o Sr. Pato...

COMENTADOR — Pato?! Será pato bravo?

LAURA (*afastando Emília*) — Ó demónio! Vou já... Tem paciência Emilinha (*vai ao telefone, baixo*) O que vale é que êle não me vê, neste preparo.

COMENTADOR — É o defeito da televisão não estar ainda desenvolvida...

LAURA (*ao telefone*) — Daqui Laura. Madame Silveira, sim! V. Ex.^a como está?!... Eu não sei como lhe agradecer o seu cuidado... V. Ex.^a é encantador...